

Jornalismo esportivo e a representação da rivalidade Gre-Nal: as quatro conquistas da América

Em meados de janeiro de 2014 durante a pré-temporada da equipe profissional, o atual presidente do Sport Club Internacional, Giovanni Luigi, destacava o retorno do clube ao estádio Beira-Rio que ocorreria durante a temporada que se iniciava. Além de destacar os elogios que a obra vem recebendo de representantes de diferentes confederações e da imprensa, o presidente fez questão de salientar que, a partir do retorno ao estádio o clube aumentaria sua capacidade de arrecadação. Por fim, o mandatário reforçou o que a imprensa considerou uma provocação ao rival, Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense¹, afirmando a alegria de estar voltando para a casa que, segundo ele é do clube, lembrando aqueles clubes que moram de aluguel. A interpretação de provocação ao Grêmio e sua conturbada relação com a parceira OAS na administração da Arena do Grêmio não ficou restrita aos órgãos de imprensa. O vice-presidente do Grêmio, Nestor Hein, em manifestação um tanto mais direta destacou que quando chega uma lona nova o palhaço fica excitado, em clara referência as membranas que foram instaladas na cobertura do estádio do Internacional. Esse é um pequeno episódio que ilustra as relações entre os clubes e a imprensa esportiva na produção, manutenção e circulação das rivalidades clubísticas em Porto Alegre.

Para este trabalho pretendo problematizar como o atravessamento da rivalidade Gre-Nal pode ser constatado no jornalismo impresso de Porto Alegre. Para tanto, procuro mapear algumas representações da rivalidade Gre-Nal a partir de dois jornais impressos de Porto Alegre, dos dias posteriores as decisões das Libertadores da América em que Grêmio e Internacional sagraram-se campeões para verificar a presença ou ausência do rival durante essas grandes conquistas dos clubes gaúchos, entre 1983 e 2010.

Jornalismo esportivo, futebol de espetáculo e a produção de significados

Ao longo do século XX o futebol foi construído como um importante marcador da cultura brasileira, podendo ser entendido como um dos principais símbolos da identidade nacional. Os efeitos simbólicos do futebol brasileiro podem aproximar os

¹ De agora em diante Internacional e Grêmio

brasileiros enquanto “povo” ao mesmo tempo em que os afasta dos outros “povos”, “os brasileiros aprendem, desde cedo, que o futebol – tal como o samba, o carnaval, as mulheres sensuais e a caipirinha – é dom exclusivamente nacional” (SILVA, 2006, p. 15). Não devemos imaginar, porém que essas produções identitárias aconteçam em uma única via, condicionando todos os nascidos no Brasil a seguirem ou a apropriarem-se de uma única identidade nacional. O futebol no Brasil permite, também, a construção de reconhecimentos e afastamentos clubísticos, locais, regionais, religiosos, raciais, de classe...

Nesse contexto de construção de identidades, a imprensa esportiva ocupa um lugar de protagonismo. Segundo Eduardo Archetti (2008), os profissionais do jornal El Gráfico possuem autoridade e influência na construção de uma visão mítica sobre o futebol argentino. Quando pensamos no futebol brasileiro, o nome de Mário Filho aparece destacado na “fundação do mito do futebol brasileiro – alegre, malemolente, vencedor e miscigenado” (COELHO, 2006, p. 239) permitindo, ou iniciando, a apropriação do futebol como elemento singular nas representações sobre o Brasil e os brasileiros.

Se pensarmos dentro de uma perspectiva construcionista, a identidade não é uma essência, mas é produzida em diferentes níveis ao longo da vida e por todos os sujeitos. Esse caráter construído da identidade, que se dá na relação do sujeito com outros sujeitos e com o mundo em que vive, permite que diferentes atores produzam narrativas e conteúdos que possam interpelar de modo diferente os distintos sujeitos. Boa parte dessa aproximação entre futebol, imprensa e identidade nacional se dá a partir das representações da seleção brasileira de futebol masculino. Nas produções regionais, porém, os clubes acabam ocupando esse espaço identitário delegado à seleção brasileira no cenário nacional.

Arlei Damo (2006) entende que o futebol de espetáculo se divide em quatro categorias de agentes: os profissionais, os torcedores, os dirigentes e os mediadores especializados. Os profissionais são os jogadores, treinadores e preparadores envolvidos com os jogos. Os torcedores se constituem no público com variados graus de interesse e envolvimento durante as partidas. Os dirigentes podem ser profissionais ou amadores filiados aos clubes ou as federações. Os mediadores especializados são profissionais que trabalham na espetacularização do futebol e produzem narrativas sobre os eventos futebolísticos. Esses mediadores são responsáveis por grande parte dos espaços jornalísticos na televisão, rádios, internet e jornais impressos. Eles podem ser

profissionais da comunicação ou ex-atletas e ex-dirigentes que teriam a função de “explicar” os eventos para o público que de alguma forma não seria “apto” a lê-los sozinho. Esses mediadores, apesar de suas diferentes origens, são chamados costumeiramente de cronistas esportivos e são os principais atores do que se pode nomear de jornalismo ou de imprensa esportiva.

No Brasil, o início da relação entre imprensa e esportes não aconteceu única e exclusivamente a partir da resposta dos mediadores aos eventos futebolísticos. A imprensa escrita foi protagonista no desenvolvimento do futebol como objeto de consumo e registrava aumento de vendas quando determinados periódicos aumentavam o espaço dos cronistas esportivos (BOTELHO, 2006). No país, as profissionalizações do futebol e do jornalismo esportivo caminharam juntas, “o enriquecimento do futebol e sua profissionalização estão diretamente relacionados ao fortalecimento da imprensa esportiva no Brasil” (MARQUES, 2003, p. 4)².

O esporte preenche requisitos que se associam a diferentes valores midiáticos e jornalísticos. Ele trabalha com a imprevisibilidade do resultado, mas com a total previsibilidade de eventos com os calendários repetidos. Segundo Alsina, as vitórias e derrotas de um time de futebol estariam associadas com as notícias que atingem “diretamente e de forma emotiva ou ideológica, mas não repercute com muita relevância na vida cotidiana da pessoa” (2009, p. 147). Quanto ao caráter simbólico e de construção das identidades, porém, essas associações “emotivas ou ideológicas” parecem possibilitar uma maior interpelação do que algumas informações técnicas e de alteração do cotidiano como, por exemplo, o preço dos combustíveis. Os elementos espetacularizados, as narrativas sobre futebol brasileiro ou futebol gaúcho, não podem estar distante do que a comunidade a quem essa informação esteja sendo dirigida imagina de si e dos eventos informados/espetacularizados.

Representação de futebol gaúcho e a rivalidade Gre-Nal

O propósito dessa investigação foi mapear o atravessamento da rivalidade Gre-Nal nas representações sobre o futebol. Para tanto, aproximei-me de uma análise de discurso especialmente para procurar identificar os sentidos da presença do rival

² “A invenção do profissional da crônica de futebol é, desse modo, simultânea à do próprio futebol profissional no Brasil, donde temos uma múltipla simbiose: o jornal a criar a demanda para a produção do evento, e este a fornecer elementos para a atuação do homem da imprensa esportiva” (MARQUES, 2003, p. 4).

permanente em momentos que, em princípio, este não seria protagonista. Nessa perspectiva, não se pretende sobre o texto jornalístico pensado como documento, “determinar se diz a verdade nem qual seu valor expressivo” (FOUCAULT, 2009, p. 7), mas qual a positividade desses textos na construção da representação da rivalidade do futebol gaúcho. Dessa perspectiva é sempre necessário questionar quem fala, de que lugar institucional fala e que posição de sujeito ocupa, “determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito” (FOUCAULT, 2009, p. 108).

Conforme Alsina, a “mídia não reflete a sociedade, mas a representa” (2009, p. 65). Nessa investigação, procurei mapear as representações da rivalidade do futebol gaúcho. Para Guacira Louro, na perspectiva pós-estruturalista, a representação “tem efeitos específicos, ligados, sobretudo, à produção de identidades culturais e sociais, reforçando, assim, as relações de poder” (2001, p.16). No registro pós-estruturalista, a representação é sempre uma marca visível, material. Para identificar quais as representações da rivalidade do futebol gaúcho que circularam nos jornais, não busquei descobrir o que os mediadores ou publicitários quiseram dizer ao construir uma notícia, um comentário ou uma propaganda, mas sim, o que eles disseram nas notícias, comentários e propagandas nos exemplares dos dias posteriores as decisões das Libertadores da América em que o Grêmio e o Internacional venceram. Como o significado da representação não consegue associar-se plenamente ao significante, ela, a representação, não pode ser lida como fixa, estável, determinada...

Para esse trabalho, selecionei quatro edições do Correio do Povo (CP) e quatro de Zero Hora (ZH) dos dias posteriores aos títulos da Libertadores da América, conquistadas por Grêmio e Internacional³. A escolha pelas vitórias se deu em função da grande valorização dessas dentro da lógica da cobertura da imprensa esportiva. Bueno (2005) entende que a imprensa valoriza apenas os vencedores, descartando os demais. Algumas derrotas podem não permitir a positividade desse futebol gaúcho.

O espaço futebolístico na imprensa do Rio Grande do Sul é absolutamente cotidiano. Grêmio e Internacional estão todos os dias nos jornais impressos e em boa parte deles, inclusive, na capa. Conceitualmente, porém, os eventos esportivos podem ser pensados como acontecimentos por fugirem do ordinário e da normalidade,

³ Foram utilizadas as edições do CP nº 250, ano 88, de 29 de julho de 1983; nº 335, ano 100, de 31 de agosto de 1995; nº 321, ano 111, de 17 de agosto de 2006; nº 324, ano 115, de 19 de agosto de 2010 e as edições de ZH nº 6518, ano 20, de 29 de julho de 1983; nº 10970, ano 32, 3ª edição, de 31 de agosto de 1995; nº 14965, ano 43, 2ª edição, de 17 de agosto de 2006; nº 16421, ano 47, 2ª edição, de 19 de agosto de 2010.

alterando o cotidiano de seu público e da cidade em que se realizam. Alguns deles, como as finais da Libertadores da América, são mais espetaculares ou mais acontecimentos que os demais. Fugir ao cotidiano traz uma série de implicações nas representações culturais dos eventos. Quando fugimos de nossos comportamentos ordinários existe uma reconfiguração das hierarquias entre o permitido e o proibido.

O confronto entre Grêmio e Internacional é um duelo entre o que se aprendeu a chamar no Brasil de “grandes clubes”. A tradição desses clubes é decisiva na construção identitária dos torcedores e das representações dos próprios clubes⁴. Ter uma grande torcida, grandes títulos, ter aceitado atletas negros antes do outro hierarquiza os clubes entre si e produz representações sobre seus torcedores. Até 2006, os gremistas orgulhavam-se de serem os únicos do Rio Grande do Sul a conquistarem a Copa Libertadores da América e o Mundial Interclubes. Nesse mesmo ano, com a conquista de sua primeira Copa Libertadores da América e do Campeonato Mundial da FIFA, torcedores colorados passaram a questionar a conquista do rival, dizendo que o único campeão mundial efetivo⁵ de Porto Alegre é o Internacional. As disputas entre eles para saberem quem detém a maior torcida parecem infundáveis. Pesquisas quantitativas por amostragem, média de público nos estádios e venda de produtos são alguns dos inúmeros argumentos que uma torcida pode usar para qualificar a si e ao outro. Se uma equipe lidera a pesquisa de maior torcida por amostragem, mas possui média inferior de público no estádio, essa torcida será qualificada como menos fiel ou como “falsa”, entre outros adjetivos.

No sentido dicionarizado do termo, rivalidade pode significar rixa, ciúme, competição e emulação. Emulação, por sua vez, pode ser definida como um sentimento que incita a imitar ou a exceder outrem; estímulo. Falar de futebol gaúcho, especialmente a partir das representações clubísticas, é falar da rivalidade Gre-Nal. Essa rivalidade é constitutiva das formas de significação do futebol no Rio Grande do Sul e acaba potencializando as construções identitárias dos clubes e de seus torcedores. Essa rivalidade, constantemente alimentada pode ser entendida como uma importante estratégia do “negócio futebol”, impulsionando as vendas de produtos dos dois clubes além do aumento do consumo dos materiais produzidos pela imprensa esportiva. Toda a representação veiculada sobre o Internacional parece carregar as representações sobre o

⁴ Arlei Damo comenta que a tradição “possui um papel determinante na construção da imagem dos clubes e da identidade de seus torcedores” (2002, p. 88).

⁵ O título do Grêmio é “acusado” de Copa Toyota, confronto que entre 1980 e 2004 reunia os campeões da Copa Libertadores da América e da Copa dos Campeões da Europa em jogo único no Japão.

Grêmio e vice-versa. As identidades das duas torcidas são produzidas com a alteridade colocada nos torcedores do outro clube. Ser torcedor de uma equipe específica significa, no contexto futebolístico, não torcer pelas outras. Nessa relação o rival (o principal adversário), acaba sendo a principal alteridade construída. Os torcedores da Dupla Gre-Nal compartilham uma série de significados e são identificados com uma representação bastante particular de gaúcho que faz uma associação entre gaúcho e masculinidade.

Os títulos de Internacional e Grêmio são parecidos, os tamanhos das torcidas e dos estádios equivalem-se e até mesmo os espaços sociais de comemoração das vitórias ou dos lamentos das derrotas na cidade de Porto Alegre são os mesmos. Por constituírem-se como grandes clubes, os confrontos entre ambos permitem uma maior circulação simbólica. Torcedores, imprensa esportiva, pesquisadores e demais atores envolvidos com o futebol afirmam que um time precisa de seu rival. Na construção das identidades dos torcedores, a construção da alteridade nos torcedores adversários é parte importante desse processo de significação, o outro possui um caráter imprescindível como marcador da fronteira, do limite que não deve ser ultrapassado.

Ora, se a identidade diz respeito às diferenças, então há que se preocupar justamente com aqueles que são mais parecidos conosco e que mais ameaçam trazer confusão para a definição de nossa identidade. Portanto, é necessário afirmar a diferença contra o que é mais próximo, e que, portanto, mais nos ameaça (SEFFNER, 2004, p. 99).

Nenhum time é mais próximo do Internacional que o Grêmio e vice-versa. Nenhum time é mais próximo do Internacional que o Grêmio e vice-versa. Ao mesmo tempo, nenhum time é tão rival de um quanto o outro.

O rival do Campeão da América

Em pesquisa anterior (BANDEIRA, 2009), destaquei que as construções de identidade e alteridade nos torcedores de futebol aconteciam entre sujeitos bastante parecidos. Apesar dessa semelhança, o rival não seria irrelevante, pois serviria para destacar o limite e a fronteira da identidade de uma torcida. É essa proximidade identitária, histórica e esportiva, que permite a rivalidade Gre-Nal manter-se como uma grande rivalidade em constante atualização, “a necessária tensão da configuração estará ausente se um dos adversários se revelar excessivamente superior ao outro em força e técnica, porque nesses casos o jogo depressa termina na derrota do lado mais fraco” (ELIAS, 1992, p. 233).

Lasier Martins, no CP, destacava os gols gremistas na final contra o Penharol: “O Grêmio ganhou a Libertadores com gols de centroavantes – Caio e César – justamente aquilo que o tradicional adversário não teve em 80” (1983, p. 17). Em uma reportagem que destacava a alteração do consumo na cidade em função da partida decisiva, um vendedor ambulante anunciava: “aproveitem, xis com chorinho de colorado” (1983c, p. 18). A lógica da rivalidade na construção noticiosa da imprensa esportiva gaúcha ultrapassa os confrontos entre Grêmio e Internacional. Em ZH, uma reportagem sobre o zagueiro uruguaio De León, comentava o sabor especial da vitória para o defensor: “o zagueiro uruguaio ganhou um jogo em cima do velho rival dos tempos do Nacional, o Penharol” (SILVA et al, 1983, p. 34). ZH também destacou o aumento da movimentação na cidade no dia da decisão. Um vendedor ambulante afirmava ter vendido “um número razoável de bandeiras e fitinhas de ‘Penharol campeão’. Mas segundo ele, para colorados, e não para uruguaios” (ROCHA, 1983, p. 38). O mediador, porém, entendia que “isto parece ser referência à minoria dos colorados. Porque havia mais que a disputa entre Grêmio e Penharol no ar. Havia um clima de Brasil X Uruguai” (Ibidem, 1983, p. 38). Outro vendedor ambulante reclamou da torcida tricolor, “gremista é fogo. Só compra depois do jogo, se o time vencer. Não é que nem colorado, que compra antes, mesmo” (1983b, p. 39). Também foi destaque a resposta dada pelo presidente do Grêmio, Fábio Koff, à apresentadora Maria do Carmo do Jornal do Almoço, da RBS TV: “eu tenho dois times: o Grêmio e aquele que jogar contra o Internacional” (1983a, p. 40). Na charge de Marco Aurélio, o texto da legenda dizia: “enquanto eles [gremistas] vão ver o sol nascente nós [colorados] ficamos com o pôr-do-sol do Guaíba” (1983, p. 41). Carlos Nobre disse que a torcida do Internacional “secou tanto que deixou o Olímpico mais seco que o Nordeste” (1983, p. 47). A dimensão da rivalidade é tão importante, que Renato, um dos principais destaques da campanha na Libertadores, ainda pedia desculpas por um Gre-Nal anterior:

Lembra quando eu fui expulso do Gre-Nal decisivo de 1982 pelo campeonato regional? Pois ganhando o mais importante campeonato da América eu quero que os torcedores esqueçam aquela expulsão e, de hoje em diante, lembrem do Renato como um verdadeiro campeão. Acho que isto serve para amenizar aquela derrota para o Internacional. É uma mudança de imagem (1983d, p. II).

Em 1995, as marcações sobre a rivalidade foram significativamente menores. Apenas um torcedor entrevistado para ZH durante as comemorações afirmava: “Hoje não tem colorado que me aguento” (1995b, p. 78). A publicidade, porém, se valeu desse conteúdo importante de significação para os torcedores. A propaganda da NET,

televisão por assinatura, destacava: “o bom da NET é que tanto gremistas quanto colorados podem conquistar o mundo” (1995a, p. 59). A campanha ainda completava: “não é porque o Grêmio está com as malas prontas para Tóquio que os colorados vão deixar de conquistar o mundo” (Ibidem).

Em 2006, em ZH, utilizando o marcador naturalidade para essencializar sua identidade gaúcha, o ex-jogador da seleção brasileira de voleibol, Renan Dal Zotto, “um gremista, acima de tudo, gaúcho” (ZAFFARI, 2006, p. 52) deixaria a rivalidade de lado na torcida pelo Internacional: “torço pelo Rio Grande. Hoje (ontem), torço pelo Inter” (Ibidem). A coluna de Paulo Sant’Anna esteve toda destacada sobre o título do Internacional. Porém, o colunista destacava as conquistas gremistas anteriores argumentando que “nós, gremistas, estamos interpretando com a máxima exatidão toda a imensa alegria de que estão possuídos os torcedores do Internacional” (2006, p. 63). O título do Internacional ter sido conquistado após os títulos gremistas, não foi esquecido pelo mediador: “foi preciso 23 anos para que os colorados viessem a compreender a nós gremistas [...]. Agora, só agora, os colorados passaram a entender-nos. [...] não éramos enfatuados, éramos orgulhosos” (Ibidem). Por fim, tentando explicitar certa superioridade, o mediador escreveu: “bem-vindos ao clube dos campeões da América, colorados” (Ibidem).

Na campanha do bicampeonato do Internacional, o clube optou por trocar o treinador. Sobre essa troca o CP fez destaques que envolviam diretamente a rivalidade Gre-Nal. O presidente colorado, Vitorio Piffero, e um grupo de dirigentes gostariam que o treinador para substituir o uruguaio Jorge Fossati fosse Luiz Felipe Scolari “que pediu um caminhão de dinheiro e desdenhou a proposta colorada se dizendo, oficialmente, gremista” (2010b, p. 10). Segundo a reportagem a contratação de Celso Roth foi uma iniciativa de Fernando Carvalho “por incrível que pareça, resultado da indicação de um gremista: Fábio Koff” (Ibidem). Outra matéria no mesmo CP destaca o protagonismo da rivalidade Gre-Nal, mesmo que as duas equipes não estivessem disputando a mesma competição: “Que graça teria ganhar um título se não existisse, no dia seguinte à conquista, a tradicional corneta? [...] os colorados abusaram das provocações aos maiores rivais. Sobrou para o técnico do Grêmio, Renato Portaluppi” (2010a, p. 30). Uma publicidade de ZH pareceu querer unificar todos os torcedores/leitores do Rio Grande do Sul. A frase da peça dizia: “Um dia você acorda e descobre que seu estado é tetracampeão da Libertadores” (2010c, p. 49). Por fim, a coluna de Paulo Sant’Anna, na última página do jornal foi mais agressiva que a de quatro anos antes. Com o título

“Não deu nem pra secar” (2010, p. 71), Sant’Anna foi bastante direto com seus colegas de imprensa: “Parabéns aos torcedores colorados, aos dirigentes colorados, aos jogadores colorados e aos jornalistas e radialistas colorados que se autoimpõem o dever de não declararem por que time torcem. Todos estão de parabéns!!! Festejem e assumam” (Ibidem).

A convocação da rivalidade Gre-Nal e alguns limites

A rivalidade Gre-Nal, muitas vezes naturalizada, é constantemente alimentada pelos jornalistas esportivos, pela publicidade, dirigentes e torcedores. Pensar o futebol gaúcho ou o futebol porto-alegrense é pensar Gre-Nal. As identidades de suas torcidas são produzidas com a alteridade colocada nos torcedores do outro clube. É bastante comum entender que “gremistas e colorados são contrários, contraditórios e complementares” (DAMO, 2002, p. 85). Além das marcações de diferenças, penso que esses clubes e suas torcidas possuem algumas representações bastante semelhantes. Ambos compartilham a representação de “futebol gaúcho” durante os confrontos contra os clubes de outros estados brasileiros, além de serem entendidos como os grandes clubes do futebol gaúcho nos confrontos contra as equipes do interior do Rio Grande do Sul.

A rivalidade apareceu como ponto constitutivo do futebol gaúcho. Os méritos do Grêmio campeão em 1983 foram comparados ao Internacional vice-campeão em 1980. Foram constantes as provocações dos torcedores campeões aos torcedores rivais, mesmo que esses não estivessem disputando a competição. O presidente gremista, campeão em 1983, afirmou sua aversão ao tradicional rival. A lógica da rivalidade entre clubes locais extrapolou a Dupla Gre-Nal tendo sido levada para o confronto entre Penharol e Nacional de Montevideú. Apesar de conquistar o maior título futebolístico do Rio Grande do Sul até então, a Libertadores da América de 1983, Renato precisou pedir desculpas por um Gre-Nal do campeonato regional anterior, mostrando como esse confronto possui outra dimensão no cotidiano desses clubes.

As tentativas de unificar gremistas e colorados apareceram nas peças publicitárias. Apenas um jornalista procurou incluir gremistas e colorados ao narrar o confronto entre Grêmio e Penharol na lógica de um enfrentamento entre Brsail e Uruguai. A maioria das aproximações gremistas e colorados esteve ligada ao pitoresco ou ao inusitado. A troca de treinador durante a campanha do bicampeonato do

Internacional foi um momento bastante exemplar. O treinador Luiz Felipe Scolari (campeão pelo Grêmio em 1995) recusou a proposta do Internacional por ser gremista. Porém, o aval para a contratação de Celso Roth teria sido dado “por incrível que pareça” pelo ex-presidente do Grêmio Fábio Koff (campeão em 1983). Os torcedores rivais que torceram pelo Rio Grande do Sul precisaram se justificar

Parece existir uma constante convocação da presença do outro na narrativa de das duas equipes. O gremista precisa salientar que os colorados não o aguentarão. O próprio jornalista em 2010 entende que sem a “tradicional corneta” o esporte pode perder um pouco da graça. O presidente do Internacional não parece completamente satisfeito com seu estádio que sediará a Copa do Mundo de 2014. É necessário acrescentar que o modelo de negócio proposto é melhor que o do rival.

Essas produções discursivas podem, eventualmente, impossibilitar leituras dos fenômenos da Dupla Gre-Nal fora dessa chave de inteligibilidade. Em 2014 tivemos dois casos polêmicos no futebol do Rio Grande do Sul. No primeiro caso, discutia-se o racismo nas manifestações da torcida do Grêmio. No segundo, o debate se estabeleceu em função do pagamento das estruturas temporárias exigidas pela Fifa para a Copa do Mundo. Apesar do Internacional ter assinado o contrato com a Fifa assumindo a responsabilidade pelas instalações, o poder público acabou investindo recursos financeiros na obra. Em ambos os casos, a discussão seguia uma lógica de defesa clubística em que o pensamento e a manifestação política permanecia subjugada a essa rivalidade. Não se trata de acusar ou absolver essa forma de pensar Gre-Nal, mas verificar seus limites e quais as possibilidades de recuar quando isso for produtivo para o pensamento.

Referências

ALSINA, Miquel Rodrigo. *A construção da notícia*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

ARCHETTI, Eduardo P. El potrero y el pibe. Territorio y pertenencia en el imaginario del fútbol argentino. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: PPGAS/IFCH, ano 14, n. 30, jul./dez., 2008, p. 259-282.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. “*Eu canto, bebo e brigo...alegria do meu coração*”: currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

BOTELHO, André Ricardo Maciel. Da geral à tribuna, da redação ao espetáculo: a imprensa esportiva e a popularização do futebol (1900-1920). In: SILVA, Francisco

Carlos Teixeira Da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Memória Social dos Esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora: Faperj, 2006, p. 313-335.

BUENO, Wilson da Costa. Chutando pra fora: os equívocos do jornalismo esportivo brasileiro. In: José Carlos Marques; Sérgio Carvalho; Vera Regina T. Camargo. (Org.). *Comunicação e esporte-tendências*. 1 ed. Santa Maria: Editora Pallotti, 2005, v. 1, p. 13-27.

COELHO, Frederico Oliveira. Futebol e produção cultural no Brasil: a construção de um espaço popular. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira Da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Memória Social dos Esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora: Faperj, 2006, p. 229-257.

DAMO, Arlei Sander. O *ethos* capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud. (Orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006, p.39-72.

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2002.

ELIAS, Norbert. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992, p. 223-256.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., 2001, p. 7-34.

MARQUES, José Carlos. O estigma de ser jornalista esportivo: a discriminação do profissional de esporte na imprensa brasileira. In: *XXVI Congresso da Intercom*, 2003, Belo Horizonte/MG. Anais do XXVI Congresso da Intercom. São Paulo: Intercom, 2003, p. 1-13.

SEFFNER, Fernando. Masculinidade bissexual e violência estrutural: tentativas de compreensão, modalidades de intervenção. In: UZIEL, Anna Paula; RIOS, Luis Felipe; PARKER, Richard G. (Orgs.). *Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de aids*. Rio de Janeiro: Pallas: Programa em Gênero e Sexualidade IMS/UERJ e ABIA, 2004, p. 85-104.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira Da. Futebol: uma paixão coletiva. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira Da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Memória Social dos Esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora: Faperj, 2006, p. 15-32.

Referências do material empírico

AURÉLIO, Marco. Japão. *Zero Hora*. Porto Alegre, 29 jul. 1983. Marco Aurélio, p. 41.

BOLA dividida. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 40, 29 jul. 1983a.

CHURRASCO, cerveja e corneta na espera pela decisão. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p. 30, 19 ago. 2010a.

MARTINS, Lasier. Meio mundo já foi. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p. 17, 29 jul. 1983.

NA mudança, aval de Koff. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 19 ago. 2010b. Caderno Especial, p. 10.

NOBRE, Carlos. E a torcida do Inter ontem? *Zero Hora*. Porto Alegre, 29 jul. 1983. Carlos Nobre, p. 47.

O bom da Net é que tanto gremistas quanto colorados podem conquistar o mundo. *Zero Hora* (Publicidade Net). Porto Alegre, p. 59, 31 ago. 1995a.

PORTO Alegre amanhece ao som da festa tricolor. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 78, 31 ago. 1995b.

PRESSA e entusiasmo no Olímpico. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 39, 29 jul. 1983b.

QUANDO tudo silencia na homenagem ao futebol. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p. 18, 29 jul. 1983c.

RENATO pagou a dívida. *Zero Hora*. Porto Alegre, 29 jul. 1983d. Suplemento Especial, p. II

ROCHA, Elizário Goulart. Um dia de loucura na cidade. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 38-39, 29 jul. 1983.

SANT'ANNA, Paulo. Não deu nem pra secar. *Zero Hora*. Porto Alegre, 19 ago. 2010. Paulo Sant'Anna, p. 71.

SANT'ANNA, Paulo. Parabéns, colorados! *Zero Hora*. Porto Alegre, 17 ago. 2006. Paulo Sant'Anna, p. 63.

SILVA, Jones Lopes [et al]. De León o caudilho uruguaio garantiu a vitória. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 34, 29 jul. 1983.

UM dia você acorda e descobre que seu estado é tetracampeão da Libertadores. *Zero Hora* (Publicidade Zero Hora). Porto Alegre, p. 49, 19 ago. 2010c.

ZAFFARI, Fernanda. RS Sport Club. *Zero Hora*. Porto Alegre, 17 ago. 2006. Libertadores VIP, p. 52.